

Percepção das Sogras sobre o Relacionamento com a Nora: Fatores Associados

M. K. Sattler¹, S. Halpern², E. Corral², A. C. Vidal²,
A. P. Alves², P. H. Baginski², G. Bronzatti², E. Camelier²,
C. Z. Giongo², L. G. Hornos², R. Halpern³, M. Oliveira⁴

Resumo

Ao longo da vida, a mulher desempenha inúmeros papéis dentro da família. No papel de sogra, muitos desafios são acionados. Quando o relacionamento entre sogra e nora é conflituoso, crises familiares e rompimentos vinculares podem ser desencadeados, comprometendo a saúde mental e a qualidade de vida das famílias envolvidas. O objetivo deste estudo foi investigar a percepção do relacionamento sogra / nora, sob a ótica da sogra. Participaram do estudo 175 sogras residentes em Porto Alegre, RS. As participantes responderam a questionários com questões abertas e fechadas. Os resultados mostraram que 79% das sogras avaliaram como boa sua relação com a nora. As sogras com maior renda e maior nível educacional apresentaram maior percentual de percepção negativa em relação a suas noras ($p < 005$). Não foi encontrada associação significativa entre suporte financeiro e cuidado dos netos. Os dados sugerem a necessidade de mais estudos com amostra populacional para investigar melhor estas associações.

Palavras-chave: relacionamento sogra e nora; dinâmica familiar; estudo quantitativo.

Mothers-in-Law Perception on their Relationship with Daughters-in-Law: Associated Factors

Abstract

Throughout the lifecycle, women play many roles in the family. As mothers-in-law, these women face many challenges. When the relationship between mother-in-law and daughter-in-law presents strong conflicts, family crises and disruptions can be triggered, compromising mental health and quality of life of the families involved.

1 Coordenadora do Domus - Centro de Terapia de Casal e Família e da Equipe do Corpo Clínico desta instituição.

2 Terapeutas de família e membros da Equipe do Corpo Clínico do Domus - Centro de Terapia de Casal e Família.

3 Médico, Professor da UFCSPA e ULBRA.

4 Consultora Estatística.

The goal of this study was to investigate the relationship mother x daughter-in-law as perceived under the optics of the mother-in-law. Participated in the study 175 mothers-in-law living in Porto Alegre, RS. Participants were invited to answer a questionnaire with open and closed questions. Results showed that 79% of mothers-in-law evaluated as “good” their relationship with their daughter-in-law. Mothers-in-law with higher income and higher education level showed a higher negative perception in relation to their daughters-in law ($p < 0,05$). No significant association was found between financial support and grandchildren’s care. This study points out the necessity of more studies with the population sample in order to better investigate these associations.

Keywords: *relationship mother-in-law and daughter-in-law; family dynamics; quantitative study.*

Introdução

O relacionamento entre sogra e nora é considerado como um dos mais problemáticos entre todas as relações familiares. Tal afirmação está amparada no senso comum, sendo este um tema que surge no contexto clínico e social. Apesar da importância do tema, há pouca literatura específica a respeito (Mikucki, 2008). Não raras vezes a figura da sogra é descrita com preconceito e de forma estereotipada. Essa maneira de enxergar a relação sogra-nora não é exclusiva da sociedade ocidental. Sabe-se, que esta relação é descrita como problemática também em outras culturas há muito tempo, e vem sendo transmitida ao longo das gerações. No islamismo, até hoje, a nora não deve questionar o poder da sogra, tendo que respeitar a hierarquia familiar. Na Turquia, a nora é tratada como filha, se for prestativa e submissa à sogra (Batista, 2004; Bowditch & Samet, 2004).

Ao longo do ciclo vital familiar, a mulher desempenha e acumula diferentes papéis: passa de esposa para mãe, de mãe para sogra, e de sogra para avó (Cervený & Berthoud, 2009). Assim, a mulher que, enquanto esposa e mãe, cumpre um papel central na organização familiar, no cuidado e no vínculo com os filhos, ao tornar-se sogra, passa a vivenciar um papel delicado e complexo. Se como mãe é valorizada, como sogra pode tornar-se alvo de críticas e de sentimentos ambivalentes. Isso revela como os diferentes papéis familiares exercidos pela mesma mulher, em momentos distintos de sua vida, criam interações emocionais diversas (Ruschel & Castro, 1998).

A entrada da figura da nora introduz uma mudança de papéis na família. A aproximação entre essas duas mulheres – a nora e a sogra - ocorre a partir de uma relação de parentesco obrigatório e não escolhido, na qual nem sempre existe empatia (Rossi, 1994). Com frequência, se estabelece uma competição entre ambas, enquanto mulher, esposa, mãe e administradora da casa. Tensões e conflitos podem surgir alterando a homeostase familiar, podendo levar, inclusive, à separação do casal nas situações mais intensas.

Esse aumento de tensão entre sogra-nora pode resultar do fato de que ambas percebem a mesma situação de forma diferente por representarem duas culturas familiares diversas. Soma-se a isso o fato de a relação entre elas tender a ser mais formal e ter menos clareza na comunicação dos sentimentos do que na relação entre mãe e filha (Sattler et al., 2010).

A literatura tem mostrado que existem muitos fatores sociodemográficos que podem influenciar esta relação. No que se refere ao grau de instrução, quanto mais instruídas as noras, menos satisfeitas elas se sentem com relação ao relacionamento com a sogra (Price, 1992). No que concerne à moradia, quando sogra e nora precisam morar no mesmo local – seja porque a sogra não pode morar sozinha ou por problemas financeiros do casal – as dificuldades entre sogra e nora tendem a se agravar (Chiapin, Araújo, & Wagner, 1998).

A chegada dos netos se constitui em mais um dos fatores que influenciam no relacionamento entre nora e sogra. O nascimento dos netos tende a resgatar a intimidade maternal já estabelecida entre mãe e filha, mas, por outro lado, tende a enfatizar as diferenças e tensões existentes entre nora e sogra. A nora se sente desautorizada e invadida enquanto mãe, quando a sogra sugere ou comenta como esta deve agir em relação ao neto ou outras questões como o cuidado da casa (Bowdich & Samet, 2004). A manutenção do controle financeiro da família de origem sobre o jovem casal faz surgir reflexos também no papel dos avós, que podem se sentir com mais direito a interferir na educação dos netos (Souza, 2001). Segundo Kahn (1963), se a sogra-avó não tentar substituir nem competir com a nora nos cuidados dos netos e assumir uma posição de contribuição, isso poderá ser benéfico para a relação.

Quando os filhos crescem, os pais necessitam deixá-los partir para cuidarem de suas próprias vidas, respeitando as modificações naturais do ciclo de vida da família (Falcão, Laufer, & Berer, 1995; Minuchin & Fishman, 1983; Nichols & Schwartz, 2007). Em referência a este tema, Guerin Jr. (1987) sugere que a presença de conflitos significativos entre sogros e o cônjuge do filho ou filha se deve à má resolução quanto ao apego e hierarquia de influência na relação entre os pais e seus filhos. O autor chama a atenção, também, para o fato de, ser frequente e culturalmente aceito, o marido transferir para a esposa o papel de cuidar do vínculo com a mãe dele, numa tentativa de evitar a pressão no relacionamento com sua mãe. Ele enfatiza a importância de cada cônjuge se responsabilizar em lidar com a sua família.

Portanto, a forma como o filho/marido se posiciona na relação entre as duas mulheres poderá contribuir tanto para a perpetuação das dificuldades quanto para o favorecimento da relação sogra-nora (Chiapin, Araújo, & Wagner, 1998).

Método

Estudo descritivo em uma amostra de conveniência de mulheres residentes em Porto Alegre, cujos filhos eram casados ou possuíam uma união estável na data da pesquisa. Foram incluídas no estudo 175 sogras, que, mediante aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, preencheram uma ficha de dados demográficos e responderam um questionário estruturado com perguntas específicas sobre sua relação com a nora. A clareza das perguntas que compõem o questionário foi verificada a partir da prévia realização de um estudo piloto. As sogras foram orientadas, caso tivessem mais de uma nora, a eleger uma como referência para suas respostas.

Os dados coletados foram analisados a partir do software SPSS (versão 13). Foi realizada uma análise descritiva dos dados, verificando as medidas de tendência central e dispersão. Para avaliar possíveis associações entre as variáveis dependentes e independentes foi utilizado o teste Qui-Quadrado.

Resultados

Observou-se que a maioria das entrevistadas tinha idade entre 55 e 70 anos (97 – 55,4%). Quase 60% delas era casada ou tinha uma relação afetiva. Do total, 52,6% eram aposentadas, mas 84% realizavam alguma atividade (estudo, trabalhos manuais, voluntariado e/ou atividade física). A maioria dessas mulheres (165) possuía tanto filhos homens como filhas mulheres. Apenas 10 (6,0%) possuíam somente filhos homens. Entre as participantes do estudo, 60,1% residiam na mesma cidade que os filhos e não dependiam destes financeiramente (94,3%), enquanto que, em 14% dos casos, a sogra contribuía para o sustento do filho casado.

A tabela 1 descreve a distribuição por renda e nível de escolaridade da sogra. A maioria delas apresenta escolaridade com ensino médio completo e com uma renda familiar de até cinco salários mínimos.

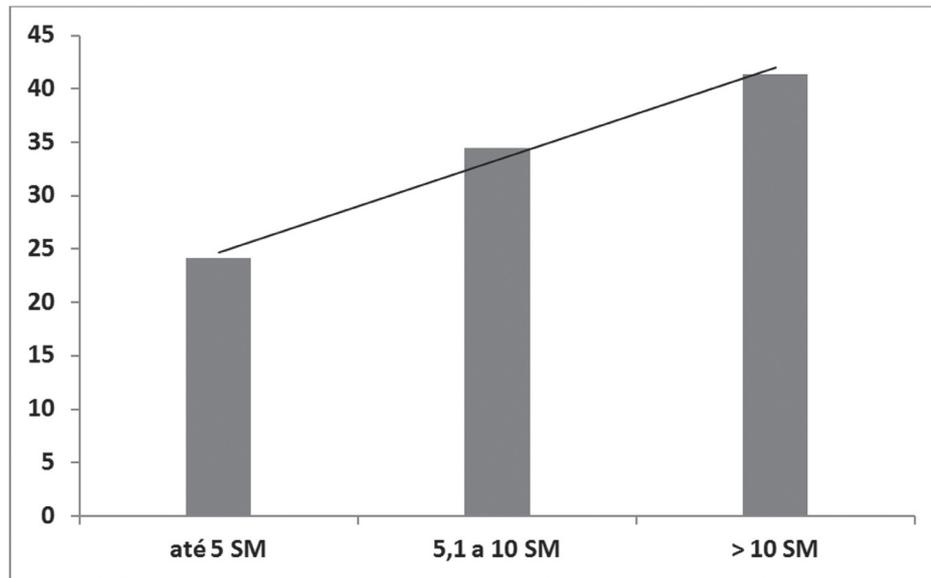
Tabela 1. Distribuição da amostra de acordo com escolaridade e renda.

Tabela 1. Distribuição da amostra de acordo com escolaridade e renda.

| Escolaridade | n | % | Renda | N | % |
|---|------------|-------------|------------------|------------|-------------|
| Fundamental incompleto | 13 | 7,4 | <1 SM | 9 | 5,4 |
| Fundamental completo | 15 | 8,8 | 1-2 SM | 17 | 10,2 |
| Ensino médio incompleto | 13 | 7,4 | 2,1-5 SM | 45 | 27,1 |
| Ensino médio completo | 57 | 32,6 | 5,1-10 SM | 47 | 28,3 |
| Superior incompleto | 9 | 5,1 | >10 SM | 48 | 28,9 |
| Superior completo e pós- graduação | 65 | 37,1 | | | |
| Total | 172 | 100 | | 166 | 100 |

Um número relativamente grande de mulheres (32) não respondeu a questão sobre relacionamento com a nora. Entre as mulheres que responderam a essa questão, 113 (79%) descreveram seu relacionamento com a nora como sendo positivo e 30 (17,1%) o referiram como negativo ou regular. Com relação à participação no cuidado dos netos, 62% das entrevistadas (77) responderam afirmativamente. As análises associando dados sociodemográficos e relação sogra-nora evidenciaram uma associação significativa ($p < 0,01$) entre esta e a escolaridade da sogra. Encontrou-se, assim, um percentual maior de relacionamento ruim com a nora (31%) entre aquelas com nível superior, mesmo que incompleto, do que entre aquelas com menor nível de escolaridade (12,7%). De forma semelhante, identificou-se uma tendência linear de, quanto maior a renda pior o relacionamento, conforme pode ser observado na Figura 1.

Percepção de relacionamento ruim de acordo com a renda da sogra. Porto Alegre, 2011.



$P < 0,03$

O local de residência do filho e a proximidade da casa da sogra não se mostraram significativamente associados à qualidade do relacionamento sogra-nora.

Quanto a receber ou dar ajuda financeira para o filho, não se constatou uma associação estatisticamente significativa, embora exista uma tendência de um pior relacionamento entre aquelas sogras que fornecem ajuda (31%) em relação às que não ajudam (18,9%).

As sogras que participavam dos cuidados dos netos apresentaram um percentual menor de conflito com as noras (16,9%) do que as que não participam dos cuidados (31%).

Discussão

Os resultados obtidos demonstraram que 79% das sogras se disseram satisfeitas na relação com a nora. São varias as hipóteses possíveis para explicar o resultado.

Uma possível explicação seria o fato de que diante de temas polêmicos, as pessoas em situação informal ou social tendem a expressar de forma mais

espontânea o que sentem e/ou pensam do que quando expostas a situações formais de entrevistas e pesquisas. Neste caso, a tendência parece ser a de manifestarem respostas mais elaboradas e pensadas. Além disso, considerando a intensidade do estereótipo social com relação à figura da sogra, estas ao responderem o questionário podem ter dado respostas mais positivas na tentativa de proteção da autoimagem. Da mesma forma, o fato de 32 (18,3%) mulheres não responderem a pergunta sobre seu relacionamento com a nora pode estar relacionado à evitação de registrar sentimentos que causam desconforto.

As sogras entrevistadas que tivessem mais de uma nora foram orientadas a escolher apenas uma como referência para suas respostas, podendo assim ter escolhido aquela com a qual melhor se relacionavam.

Dependendo do momento do ciclo de vida e individual das respondentes, pode haver uma variação na qualidade e ou na percepção da relação com sua nora. As tensões também podem estar associadas a sentimentos velados, não expressos. Desta forma, a ausência de conflito aberto pode levar a sogra a não ter percepção dos sentimentos despertados na nora, avaliando a relação como boa.

Além do já mencionado, há a hipótese de que as sogras podem ter noção dos limites desta relação, aceitando como natural uma proximidade relativa com sua nora.

O estudo também demonstra que, em relação às variáveis *nível socioeconômico e escolaridade*, as sogras com maior nível de instrução bem como nível socioeconômico mais elevado mostram uma maior percepção de insatisfação na relação com a nora. É interessante observar que, no estudo de Price (1992), as noras com maior nível de escolaridade também se sentem mais insatisfeitas na relação com a sogra. As hipóteses possíveis para este fenômeno de insatisfação podem estar relacionadas ao fato de que pessoas com mais instrução podem ser mais críticas e exigentes, ou ainda apresentar maior confiança no conhecimento pessoal e maior expectativa de serem reconhecidas e valorizadas.

O estudo não mostrou associação estatisticamente significativa no que se refere à *participação financeira da sogra junto ao filho e a nora*, uma vez que em apenas 14% dos casos esta participação estava presente. Revelou, porém, uma tendência de um pior relacionamento entre aquelas sogras que fornecem ajuda (31%) em relação às que não ajudam financeiramente (18,9%). Ferreira (2005) afirmou que a relação entre o vínculo de dependência afetiva e/ou econômica com a família de origem influencia na relação que se estabelece entre o novo casal e deste com a família de origem, expondo estes às pressões de maior interferência e controle por parte dos pais. No entanto, é possível que esses efeitos sejam mais sentidos pelas noras, que sofrem essa influência, do que pelas sogras, que podem exercê-la sem ao menos se darem conta.

Com relação ao item *proximidade de moradias*, embora a maioria das participantes residisse na mesma cidade que suas noras e filhos, o estudo não apresentou muitas situações de residência na mesma casa ou pátio, não permitindo que se encontrassem associações estatisticamente significativas entre a proximidade da residência e a qualidade da relação entre as sogras e noras. Segundo Minuchin (1982), o modelo da família ampla, ou família patriarcal urbana, onde seus membros residem na mesma casa ou pátio, apresenta alguns benefícios tais como o companheirismo e mais fontes de ajuda. Já entre as dificuldades que podem surgir, o autor cita a falta de clareza na distribuição de responsabilidades, bem como a presença de fronteiras vagas, o que favorece a confusão e o stress. Portanto, nas situações em que outros membros da família extensa residem na mesma casa ou no mesmo pátio, seria esperado que ocorresse a reprodução deste fenômeno, tanto de incremento de suporte, como do aumento de situações estressoras.

Com relação ao *cuidado dos netos*, as sogras participativas apresentaram um percentual maior de satisfação em sua relação com a nora (31%), quando comparadas às não participativas (16,9%). O nascimento dos netos torna o contato entre sogra e nora mais frequente, uma vez que a sogra-avó busca aproximação com o neto. É provável que essa participação faça com que a avó se sinta pertencente àquele núcleo familiar e valorizada no seu papel de avó. Por outro lado, se necessitar dessa presença, como auxílio no cuidado das crianças, a motivação da nora pode aumentar no sentido de que a relação com a sogra seja mais fluída (Sattler et al, 2010). Outra possível explicação para este resultado pode ser o fato de a sogra-avó se centrar mais na relação com o neto, colocando menos foco na relação com a nora. Segundo Fisher (1983, In Bowditch, Samet, 2004) este contato maior pode aumentar a tensão entre sogra e nora, porém isso não se evidenciou neste estudo.

Conclusão

A realização deste estudo foi motivada pela observação clínica e social do fenômeno existente na relação sogra/nora. As tensões e conflitos nesta relação vêm sendo observados ao longo do tempo e por diferentes culturas, revelando ambivalências e desencadeando uma convivência nem sempre cooperativa e harmoniosa. Apesar disso, os resultados encontrados neste estudo sugerem que as sogras participantes não percebem o relacionamento de forma insatisfatória, ou pelo menos relatam não o perceber.

O papel da mulher vem se modificando nas últimas décadas. O aumento de sua participação no mercado de trabalho, bem como de sua autonomia ampliam seus interesses fazendo com que elas participem de outras atividades. O envolvimento com a família já não é mais sua única fonte de gratificação. Nesse contexto, há necessidade de que o cuidado com os filhos seja compartilhado com mais pessoas. Essas mudanças, apesar das complexidades que introduzem,

estimulam na mulher um crescimento e amadurecimento pessoal, que pode estar se manifestando numa transformação na qualidade da relação sogra/nora. Poderíamos pensar também que essas mudanças trouxeram uma presença mais efetiva do homem na família, que pode estar se refletindo na resolução das diferenças entre sogra e nora. Dessa forma, fica a pergunta: será que os resultados deste estudo podem estar evidenciando os novos desafios da vida contemporânea?

Os dados sugerem a necessidade de mais estudos com amostra populacional para investigar melhor estas associações.

Os resultados encontrados precisam ser interpretados com cautela. O delineamento do estudo não permite inferir causalidade. Por se tratar de amostra de conveniência (não probabilística) pode trazer para o estudo um viés de informação. Além disso, os dados não oferecem poder ao estudo para dizer que as associações não aconteceram ao acaso. Muitas das relações plausíveis de acontecer não mostraram resultados estatisticamente significativos. Isso pode caracterizar um erro tipo 2, onde existem associações, mas o estudo não as evidenciou possivelmente pelo tamanho amostral.

Referências

- Batista, E. (2004). Entre o mito e o preconceito: a figura feminina na condição de sogra sob os olhares de Fialho de Almeida e Aluizio Azevedo [resumo]. Coimbra: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Bessa, K. A. M. (2007). *O papel da mulher na sociedade ao longo da história*. Retirado em 21/05/2009 de <http://pt.shvoong.com/social-sciences/sociology/1653449-papel-da-mulher-na-sociedade>
- Bresc, H. (1997). A Europa das cidades e dos campos. In A. Burguière (Org.) *História da família – tempos medievais: ocidente e oriente* (Vol. 4, pp.109-138). Portugal: Terramar.
- Bowditch, E., & Samet, A. (2004). *O desafio do relacionamento nora e sogra: tudo o que você precisa saber para estabelecer uma relação cordial e respeitosa*. São Paulo: M. Books.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Chiapin, G., Araújo, G., & Wagner, A. (1998). Sogra-nora: como é a relação entre estas duas mulheres? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3). Retirado em 10/07/2011 de <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=18811312>.
- Coulanges, F. (2004). *A cidade antiga*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Diniz, G. R. S. & Coelho, V. (2006). Vida de mulher: lidando com a meia- idade e a menopausa. In G. R. S. Diniz. *Casamento e família: interações entre velhos e novos modelos e papéis* (7ª ed.). Florianópolis: Mulheres.
- Falcão, C. P. A., Laufer, E., & Berer, L. C. (1995). Sobre como construir uma pesquisa enquanto se exercita a convivência e se possibilita condições mais criativas para um grupo. *Nova Perspectiva Sistemica*, 6, 51-52.

- Ferreira, A. F. (2005). *Estilos parentais e suas influências na relação conjugal*. Retirado em 14/01/2009 de <http://www.ulbra-mao.br/psicologia>
- Grinsberg, A., & Grinsberg, B. (2005). Sogra e noras aprendendo a conviver. In A. F. Ferreira. *Estilos parentais e suas influências nas relações conjugais*. Retirado em 14/01/2009 de <http://www.ulbra-mao.br/psicologia>
- Guerin, P., Fay, L. F., Burden, S. L., & Kautto, J. G. (1987). *The evaluation and treatment of marital conflict*. New York: Basic Books, Inc., Publishers
- Historianet, (2002). *Brasil colônia: a sociedade patriarcal*. Retirado em 03/05/2009 de <http://historianet.com.br>
- Meyerstein, I. (1995). A systemic approach to in-law dilemmas. *Journal of Marital and Family Therapy*, 22, 469-480.
- Mikucki, S. (2008). A theoretical typology of mother-in-law types. *Paper presented at the annual meeting of the NCA 94th Annual Convention, TBA, San Diego, CA, Nov 20, 2008* Online <PDF>. 2011-07-22 http://www.allacademic.com/meta/p255840_index.html Publication Type: Conference Paper/Unpublished Manuscript.
- Minuchin, S., & Fischman, H. C. (1983). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Price, W. G. (1992). *The relationship of levels of differentiation from the family of origin to the mother-in-law/daughter-in-law relationship*. Retirado em 03/10/2008 de <http://www.law.upr.edu>
- Rossi, J. S. S. S. (1994). Síndrome sogra-nora: uma relação de parentesco (des)conhecida. In N. Emiliano *Uma relação delicada*. Retirado em 09/09/2008 de <http://www.jlocal.com.br>
- Ruschel, A. E., & Castro, O. P. (1998). O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 523-539.
- Sattler, M.; Vidal, A. C.; Corral, E.; Alves, A .P.; Camelier, E.; Giongo, C. Z. et al. (2010). Uma boa relação entre nora e sogra pode ser possível? *Pensando Famílias*, 14(1), 45-62.
- Souza, I. M. C. (2001). Mudanças nos papéis femininos, novas famílias: uma ligação previsível. *Pensando Famílias*, 3(3), 21-29.

Endereço para correspondência

marlisattler@gmail.com

Enviado em 08/08/2011

1ª revisão em 13/05/2012

Aceito em 25/05/2012